

O UNIVERSAL

SUPPLEMENTO ILLUSTRADO

DIRECTOR ARTISTICO

SECRETARIO DO SUPPLEMENTO

JOSÉ SARMENTO

CELSO HERMÍNIO

Lisboa — Segunda-feira, 23 de maio

Poesia SÓ

Antonio Nobre prefere ao absinto baude-
laireano das cervejarias do Bairro-Latino ás
nevroses litterarias e exóticas dos Poetinhas
decadistas da ultima hora, a Humanidade
que sofre, os ceguinhos que vão ás romarias
portuguezas, os pescadores que remam pa-
ra o Mar alto, os jantares do Sr. Abbadé
com arroz branco como a sua alma, e a en-
xada cristiã do Zé da Trzeza enterrando os
mortos. No «Só» não ha litteratos, nem du-
quezas historicas, nem mobiliarios raros, co-
mo nas cidadellas dos Parnazianos. A popu-
lação do «Só» é de almas, e de simples co-
veiros, raparigas de Coimbra, Abbadés san-
tos, olhos negros de portuguezas, pobres ti-
sicas, velhas e desgraçados, paizagens tris-
tes, Amigos distantes... Nem anglomano,
nem janota da Poesia, nem envolvendo-se
no mar da Humanidade egoista onde a sua
almadia não gosta de navegar, Antonio No-
bre n'isso tudo mostra ser um verdadeiro
Poeta, e não um virtuozinho da Rima que vence
dificuldades. A resistencia do seu tempera-
mento ardente e lusitano aos meios que atra-
vessa, faz-me lembrar Garrett, portuguez
sempre e apesar de tudo, perpetuo viajante
pelas sete partidas do Mundo e, no entanto,
escrevendo apenas, orgulhosamente, um li-
vro de viagens... na sua terra.

Alberto d'Almeida

Queríamos publicar um retrato moderno do illustre
poeta; só nos foi possível, porém, obter um do tempo de Coim-
bra, graças á amabilidade d'um amigo do sr. Antonio Nobre.



Antonio Nobre, o poeta do SÓ

Py. 215
Rég. n.º 6545



Quanto a adolescencia se monotonisa e enristice, mercê das dipsias em que se atola, e das depravadas precocidades onde parece as azas—quanto, compuscando, a infancia parca desinquieta e cheia de sobraloto.

As ruas da cidade, tão incharacteristicas como architectura, tão pouco originaes como *étalage*, as ruas da cidade devem o pequeno ar bulçoso que ás vezes as faz parecer animadas, á intervenção artistica, humoristica e philosophica do garoto, allegoria viva das folganças do espirito meridional.

Elle deita do alto, com os falsetes da sua voz caschadora, no meio dos silencios bastos que a turba faz em se impressionando, a palavra quente, colorida, precisa, typica, recapituladora e indispensavel para desflegmasiar o estado moral do momento, e restabelecer curso ás funcões collectivas, um instante retidas na pasmaceira perante um cão agonisante, ou perante um casamento nos Martyres, indo a noiva de branco, e o paranymphe, de conselheiro. Admiravel pequena machina de risota, magra, espidagica, pueril, alerta, guandes olhos, dedos longos, o barrete afitando a ponta como as orelhas de cão que vê gato... e tendo uns beiços finos, espirrando sempre, como um genuino mósto vermelho e odorante, o diçhote que hade ir garrochar o ridiculo que fór impondo magestade e corpulencia, por essas ruas...

D'uma vèz (hade isto sempre lembrar-me com bonhomia) estava eu no alto da Rua Nova do Carmo, todo aperaltado n'um cheviotte mirabolante, em cujo trama — dizel-o dava para vergonha eterna de meus netos! — collaboravam todos, em todos os riscos do exercicio, fundindo cambiantes n'uma especie do fundo cor de barrella, apreciado em barda pelos estoiradinhos d'então. Dois mezes antes, o Condeixa, então dominando na móda, pontífice maximo das casimiras! como inaugurasse um traje amarelo, todó o mundo tinha querido lançar a cambiante dilecta do gommoso. Em termos que eu estava com outros, quatro ou seis, discretando litteratura em voz alta; e parece que satisfeito das opiniões que expandia.

Tinha por exemplo um petulante feltro sobre a orelha, um *lorgnon* de cabo esculpido na mão, com o qual exagerava, no sentido do pittoresco, esá de vêr, a myopia ligeira dos meus olhos. Um garoto que nos viu atravessou a rua, phosphorejando malicia de toda a sua pequenina pessoa. No grupo, entre varias celebridades europeas, entrava um gordo, vermelho e guapo, possuidor d'um nariz que mal respirava entre grandes bochechas, como um rabanete asphyxiado entre montanhas—e a boquitta pequena, sangranta de saude, sem relevo de labios, dava-lhe a expressão obscena d'estes bonecos que saem de dentro das caixas de segredo, nas arvores do Natal.

E deante de nós quatro, tomando do chão um caco da vidraça, o garoto impertiga se, buscando traduzir a expressão caricatural da minha figura...

barrete á banda, como eu tinha o feltro; o caco de vidro nos dedos, á altura dos olhos, e um geito lento do dedo indicador, fugindo dos cantos da boeca, como para desenhlar o sacca-rolhas desgarrados dos meus bigodes, eminentemente folhetinísticos.

— Vocinshellencia fica-me com esta cautellinha, senhor lagarto pintado?

Eu pasmado d'aquelle falta de respeito a um escriptor tão applaudido! Mas o gordo virara-se, empurrando com asperza o petulante.

— Não empurre, não empurre! recalçitrou este. Olhem p'ra esta cara! Parece uma caniveldada n'um C...

E parecia.

A Ironia, que nos labios do homem é o corollario amarissimo dos desalentos e das angustias sofridas no terrivel assalto feito á riqueza ou á voga, por cada ambicioso que chega; á Ironia, reflexo verde dos pantanos da alma apodrecida em dissoluções todas modernas; á Ironia no garoto lrisa-se toda em fogos multicolores, que liveram por base a saude, a esperança, o desprendimento estoico, a petulancia e a alegria de se sentir viver.

Ha n'ella o que seja d'um circulo magico protegendo a infancia contra o desespero da miseria, e preparando o homem para o estranho jogo d'azar dos cynismos sociaes, empunhados na lucta do gozo e do luxo, contra os processos rudimentares de ganhar a vida soldo a soldo, n'um trabalho honesto e fatigante.

N'este paiz de relações, o garoto é a actividade; n'este paiz de sonambulos, o garoto é a iniciativa; n'este paiz de enfermijos, o garoto é a exuberancia e a saude.

Logo de manhã, inda sobre o rio mal vado descerendo as brumas pardacentas, quando a cidade vasia parace um cemiterio á beira d'um lago morto, o garoto lá vae descalço s'bre a lama, coberto de destroços de vestidos, co' a pasta de jornaes pendentes ao quadril, oferece aos que partem para a labuta do dia nascente, arezenha dos casos tracejados de vespera, e a sumula dos interesses debati-dos em artiguinhos partidarios... E' de vêr com que fineza, com que galantaria, com que musica, o seu pregão repercuta ás esquinas o nome do jornal que mais lhe sóa, e mais lhe rende, e observa então como elle o offerece e faz valer, impondo-o no giro de quem vae, somnolento ainda e cabisbaixo, para o armazem, para a officina, amarrar-se ao cepo da sua occupação quotidiana.

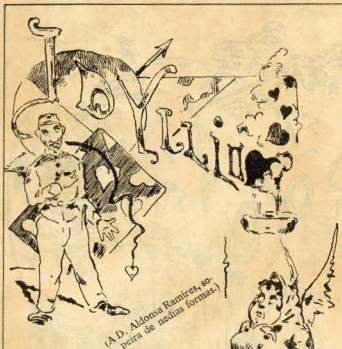
— Diá—notiç—der—óó!...

FIALHO D'ALMEIDA.



Consta-nos que o sr. marquez de Valladas está fazendo um trabalho sobre os *nephetotas*, considerados á luz da fórrna.

Intitular-se-ha *Os nephetotas a olho nu*.



(A D. Antonia Ramires, sopeira de nedras formas.)

Amavam-se. Ella sorria
Debruçada na janella...
Elle parava na rua,
E olhava a sorrir p'ra ella.

Elle era municipal;
Ella era sopeira e bella...
Ella fallava com elle...
Elle fallava com ella...

Um dia ella disse-lhe: *Entra...*
Já estava ao lume a panela,
Cozendo um grande presunto,
Maior que o presunto d'ella.

Elle entrou; subiu a escada,
A correr sem mais aquella...
Ella cahiu-lhe nos braços,
E elle nos braços d'ella...

Toma lá, filhinho, toma.
Disse, correndo á panela...
Toma lá este presunto,
Vae com-el-o de cabidella. (1)

Ouviu-se um berro. A patroa!
Oh! cahiram na esparrella!
Gritou ella em frente d'elle,
Gritou ella em frente d'ella.

Houve desmaios. E hoje
Aquella sopeira bella,
Traz um presuntinho ao collo...
E a patroa ri-se d'ella...
.....
E mais o municipal.

ZÉ PAIVA.



(1) Este verso está um pouco desenhovido.

O nephebitismo entrou pelas sopeiras.



Eu nunca entrei na caixa d'um theatro sem que uma impressão de desilusão e de tedio, de subito me angustie. Toda essa lona de formas singulares, esbeçada, me afflige, como uma má velhice, de artificio. E mesmo—tão certa é a influencia do meio—os actores tem um pouco d'essa dualidade, feita de risos, de mesquinhas tristezas, de pompas e de miseria.

E' por isso que eu tento poucas vezes a impressão dos bastidores e dos actores, fóra do que se vê da plateia, porque quero conservar a illusão—e porque a minha reserva nunca totalmente se desarma na convivencia de actores, por timidez e por medo de que elles não esqueçam o officio até nas conversas familiares. E decerto nunca um bom actor pode ser um homem excellente, tantas vezes elle tem mudado de typo, vestido diferentes caracteres, sentido dores que não são as suas, odios que não tem *vidido*; tão a miudo elle incarna diversos typos. Esta modalidade deve decerto influir no seu character, pouco firme—nunca tallhado d'um grande golpe. E é assim que eu mesmo me pergunto muitas vezes se o antigo odio da burguezia pela gente de theatro, agrupado n'esta palavra despresiva—*comico!*—não tinha razão de ser. Assim eu preferiria para meus amigos os actores de comedia—e d'estes, aquelles que fizessem de bons abhades, risonhos burguezes—tão certa é para mim a influencia da profissão, e n'esta todas as variantes da *nuance*, no typo.

Mas havia um inquerito a fazer, curioso, e que o publico amaria pelo encanto que esta palavra de *bastidores*—synonimo de co rpução, de brevidades mulheres d'uma deliciosa tentação, desperta ainda. E é singular, eu mesmo tenho ainda uma impressão de promiscuidade, de cheiro a femea e a *ecuyerie* quando entro n'um palco...

Encarregado porém d'esta secção do jornal, comeccei pelo Gymnasio, por acaso...

Representava-se uma comedia—e atravessando o corredor, onde um homem de bigode e pera, louro, de chapeu desabado— typo de romantico em decadencia, parecia ruminar ideias tristes— entrei no palco. Um bombeiro espreatava por uma janella— que talvez esteja na peça a seis andares d'altura, espreatava e ria. E ao atravessar essa confusão de lonas, eu entrei o palco illuminado, ouvi vozés d'actores, sussurro do publico—e a um canto, á entrada uma casinhola—onde um homem parecia gravemente penetrado diante do mysterio incomparavel, de uma serie de torneiras numeradas... Sentados dois actores, um characterizado, conversavam—e de repente um outro sahio do palco—e eu assisti em grosso a essa curiosa transformação que todos nós soffremos mais ou menos, quando ficamos a sós—e que nos actores, ao sahirem do palco é rapida, curiosa, augmentada. Este que vinha a ri-se, a correr— parou de repente: alongou-se-lhe á face, ficou triste—e não sei que picara impressão, embebida em tedio a minha alma soffreu...



Bois à nora, — n'um campo de papoilas a arder; uma casa branca entr'árvores; nesperas doiradas, maçãs vermelhas, morangos cõr de purpura, cerejas cõr de labios; o grito da cõr, o escarlata vivo, o azul metalico do cõco, o verde das aguas.

Ninhos! Nos castanheiros, nas cerejeiras, nas nespereiras, nas larangeiras, nas macieiras, nos alamos, nos choupos, nos eucaliptus, — ninhos! O tentar d'azas, a plumagem que vem, — e o calor a subir; o primeiro vôo, rasteiro com herva, depois para cima, — adeus! Lá se vão elles no cõco, — como cabeças de grillo. E os outros cá ficam, velhinhos tropegos, — ahi vem o inverno.

Agua que corre, agua de rega, agua de bica, — tudo agua. Lá canta por ahi abaixo os novados felizes, e vão á toma pequeninas flores de larangeira, galeotas de sonho, sonho que se ha de desfazer, — este verão.

Verão de vindima, verão de cantigas! Uvas moscatel, roxas, brancas, tintas, cõr de rubim, transparentes, a vêr-se uma outra face diluida em cõr de rosa. Venham d'ahi, todos tropan ás eccadidas, — venham d'ahi. Ha amores que principiam e amores que findam, — um alleluia e um *De-Profundis*. Vamos com os primeiros, beber-lhe á saude, d'este vinho doce. Ha laivos alaranjados no cõco, — bom signal; um poente brilhante como oiro em pó, — um alvorecer cõr de rosas de toucar.

Mez de cranças, — cabellos loiros, babeiros brancos, faces de romã estoiçada. Deixem passar, deixem passar. Pequeninos demonios á solta, — as pombas abaixam vôo e vem poisar á roda, n'um formigueiro branco de azas; uma rosa branca abriu os labios para um beijo. Lá se vão aos ninhos, — ovos de mil feiticos, cõr de cinza, cõr de chumbo, cõr de cal; ás pintas uns, com traços torcidos outros. Espreitam de cima os pardaes, as toutinegras; os chascos piam, um melro cahiu agora n'um grande vôo n'uma moita de limoeiros. Para a frente, para a frente.

No lago, — caravella do ideal — lá se vão dois noivos abraçados, — e os remos cortam ao sabor da corrente, e o leme foi deixado. Não importa, as aguas repuxam para um arco de verdura, — e o calor aperta. Os casebres caiados, parecem lenços brancos a acenar da margem. Os noivos não vêtem; ella leva um chapéu inglez com fitas cõr de sangue; de linho branco, a cheirar a cravo, o corpete; elle, — mal se vê — sob o grande chapéu inglez, com fitas cõr de sangue.

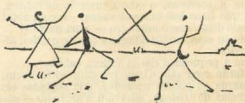
Devem ir cõrados porque uma rosa cõr de velludo abriu os labios, n'um desejo sensual.



Jose Sarmiento

UMA TRAGEDIA

A
SERIO



• - - + 8 +
+

Celso Hernandez



Das serras elles desceram famintos, aos uivos, — phantastica
desfilada de lobos hirsurtos n'um poente livido, arredado... E
sobre tejadilhos de deligencias, o olho esbogaillado para as hospedarias,
tiveram horas terribes, horas de desalento, desejos talvez
de assassinar — que esta ideia acalmava :

— Em Lisboa é que vae ser de encher o buxo meninos !...
Chegaram e famelicos, com desmaios diante de tanto comestivel
que ha por essa Lisboa — tanto, tanto! que chega a ser indecente — elles tem enchido aquellas barrigas — de copos de
agua l.

Desci as escadinhas, apegado ao corrimão — a procura do camarim de Telmo, seguindo os camarins em fila, n'esse ignobil pateo, onde em bancadas, pobres mulheres pareciam esperar n'uma tristeza mesquinha, uma esmola e, vendo ainda tipos d'actores em caricaturas, vestindo-se, entrei no camarim...

Não entra nos limites d'esta secção estudar os tipos de noctambulos — e d'esses aquelles que em Lisboa tem a mania de pela noite ir passar meia hora na convivência de actores, vendo-os vestir — correr para o palco, descer d'ahi a pouco a continuar uma conversa, nem fazer a analyse d'estes tipos curiosos. É no entanto verdade que eu pensei n'este singular encanto, que as mulheres de theatro exercem sobre tantos homens — encanto que se explica por essa transformação de tipo que a actriz sofre — e de que o homem tem necessidade — tanto que vae procurar fóra do lar — uma mulher diferente da sua, mais intelligente ou mais estúpida, muitas vezes maldosa e felissima, e tambem pela singular depreciação admittida na actriz e espalhada pelo livro — e que se não tem razão de ser, assim augmentada não é por isso menos verdadeira... Mas quê? A verdade é que ha um certo encanto — o goso do prohibido — n'esta convivência, e que só assim se pode explicar a intimidade de certos homens com seres inferiores, que o faz viver por vezes, com esta nossa necessidade de animalidade, com *ecuyères* de circo, *Jockeys* cheirando ainda a cavallariça... E quasi por uma necessidade identica, esta necessidade de abaixar o nosso moral, de o latrinar, que todos mais ou menos tem sentido, que nos faz por meia hora, gostar da intimidade de mulheres prevertidas...

O que me impressionou a primeira vez que entrei no camarim de Telmo — e é n'este desalinho, a maneira que vou recordando impressões recebidas, que as escrevo — foi um espelho singular, bordado de raminhos, creio que *myosotis*, que é toda uma confissão — e um canapé, que a um lado atranca o cubiculo — mancha vermelha em todo o escuro das paredes, sarapintadas de estampas, desenhos cortados a um jornal de caricaturas e postas n'este desalinho d'um gosto duvidoso — não n'um camarim que diabo! — mas nas casas burguezas onde é hoje adoptado.



E é esta conversa banal de meia hora, com gente de theatro — que nos impressiona! Ai, não é de preverções, nem de maldades que se falla n'um camarim: as conversações são sempre d'essa mesma banalidade assustadora, que no fim, e aqui muito mais, por esta impressão preconcebida de que se vae escutar não se sabe o qué de scintillante, nos deixam um cansaço, um amargo tédio. Estava lá um louro, Amelia Garraio uma *bobonne*, um pouco *fanée*, mas com uns olhos provocadores ainda, tentadora para esses a quem a maturidade vale bem mais do que esses adoráveis esqueletos de rapariguinhas quasi tísicas, impuberes, viciosas e más — tão expressivas...

Amelia Garraio tem um pouco d'esses papéis que faz, de boa rapariga, deixando correr, este assentimento das mulheres gordas que se não querem incomodar, que gostam de bem viver, a quem a lucta cansa e que por isso transigem. E é por isso que são sempre excellentes os seus papéis n'este genero um pouco agaiatado, de boa pessoa... Telmo, collocava com gravidade uma pera, e com o seu chapéu velho, da peça, fallava gravemente; um outro actor, Eloy — creio eu — com um ar burocratico, discutia, e a um canto uma encantadora figura de feminino, recostava-se lasso, um brilho de vivo provocador no olhar...

Não sei que conversa escabrosa se fazia...

— E eu direi... Mas não, não digo, apesar de que a Garraio é um bom rapaz! — disse Telmo a sorrir.

E vivo, a ri-se, commentou um facto qualquer com malicia — malicia que lhe é propria — e que nol-o consente amar pela sua intelligencia e pelo seu talento, que fará d'elle em breve um dos nossos primeiros actores de comedia, sabendo dizer com naturalidade, comprehender os typos, caricatural-os.

Mas elle sahira a correr — uma estranha figura de vicioso, o olhar vesgo — acho que o Frederico chamára:

— Já a musica estava a tocar!...

E deixando a conversa em meio, elle desaparecera, emquanto a Amelia Garraio dizia:

— Eu só entro no corro actõ...
— E peças novas?...

— Isto este anno está pessimo...

E logo a conversa mudou, molle e sem interesse, e o Telmo entrou outra vez, aos berros pelo Frederico — que a sorrir-se, o olho a luzir de maroteira, lamentou que houvesse moços bonitos — e com nota vel sapientia disse, que o amor era — uma paixão!... E sentando-se com familiaridade, a piscar o olho, affirmou envicto:

— Que a pequena d'elle já estava cahida!...

Era tarde e eu sahi d'esta vez pela outra porta, olhando ainda as pobres mulheres, que sentadas em bancos, chelas de tristeza, olhavam o asphalto — emquanto a Frederico — penso eu — me fazia um aceno indecente...



Para a semana um artigo sobre Valle e sobre a comedia nacional: depois um outro sobre Rosa Damasceno — e em seguida typos de actores, de comedia e de drama, essa encantadora Lucinda Simões; typos de *caudevillite* e de *oppereta*, costumes do nosso theatro, intrigas e ditos. Isto em notas breves, rapidas, escriptas sem outra preocupação do que de interessar o publico, mostrando-lhe um dos mais curiosos recantos da vida moderna.

GIL BLAS.

A DOBADEIRA

(A RAUL BRANDÃO)

Ó dobadeira dos olhos castanhos,
Em que meditas, sorrindo ao doar?
É que já andam a lèrem-se os banhos,
Que a dobadeira afinal vae casar...

Que ella casava, quem é que o diria,
A dobadeira dos dedos tam finos?
Se lhe fallavam de amor ella ria,
— Riso mais triste que os dobres do sino!

Todos cansados, ardoendo em busca-a,
Vieram heraldos da parte de el-rei:
Cinco fidalgos quizeram leval-a,
Qual de elles fóra mais lindo eu nem sei!

E a dobadeira, sorrindo, escutando,
Aureolada nos finos cabellos,
Ficava como uma Santa rezando,
— Tendo a riqueza de aquelles novellos!

Um, a cavallo, nos poentes doirados
Vinha fallar-lhe, coberto de poeira...
Tinha castellos e thoros lavrados
Dava a sua vida pela dobadeira!

E a dobadeira, sorrindo, escutando,
Aureolada nos finos cabellos,
Ficava como uma Santa rezando
— Tendo a riqueza de aquelles novellos!

Um prometteu-lhe, por cada meada,
Aias e pagens, velludo e jobróes...
E ella voltou-lhe, sorrindo magoada,
— Que eram baratos por lá corações!...

Ora uma noite, gentil cavalleiro
Com comitiva parou n'essas terras:
Olhos mais vivos que o sol de Janeiro
Quando reflecte no pico das serras!

Bateu-lhe á porta: — Abre a porta, Maria,
Sou eu que venho esposar-te, meu bem!
— E a dobadeira chorava e sorria,
E o cavalleiro chorava tambem.

Lá se morriam de negra tristeza
Cinco fidalgos nas torres musgosas:
As raparigas, cheirando a camoeza,
Todas levavam cabazes de rosas.

Vinham á egreja porque ella casava
Velhos de longe, creanças, pastores...
Tangiam sino, o orgão chorava,
Hortos da terra ficaram sem flôres!...

Só o abbade sabia a novella
Da dobadeira, pela confissão...
Todo velhinho chorava com ella
E o cavalleiro beijava-lhe a mão!

Como ella ia bonita e contente!
Riam-se os santos de vê-a córar...
Ai! ajoelhada no altar rescidente,
Como ovelhinha que vae a immolar...

No fim o abbade, de brancos cabellos,
Disse na egreja de lagrimas cheia,
Que ella era a branca açucena da aldeia
E tinha a alma da cór dos novellos...

(Do Livro de Aglats).

Julio Brandão.

No proximo numero do supplemento publicaremos:

- Um artigo do senhor Trindade Coelho.
- Uma poesia do senhor Thomaz Ribeiro.
- Outra do senhor Luiz Osorio.
- Um artigo do senhor Alberto Bramão sobre os *Novos*. E interviews com todos os nossos homens de letras sobre os *Novos*.

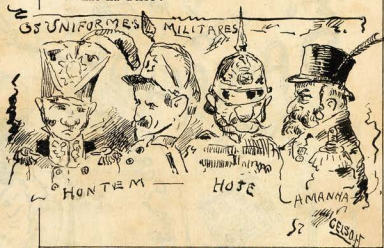


Estavamos nós á meza da redacção, escrevendo commentarios á veridica cabelleira do sr. ministro da guerra, quando sentimos coegas nos pés.

Algum gato da visinhança... que vinha em busca de espinhas de carapau frito...

Qual! Era Gaturra Junior que andava pelo sobrado em busca de erros de orthographia.

N'esta redacção—declaramos-li' o solememente — não ha d'isso!



O UNIVERSAL

SUPPLEMENTO ILLUSTRADO

O *Universal*, um dos jornaes mais lidos do paiz, e sem duvida um dos melhores informados, publicando á segunda-feira um supplemento magnificamente illustrado, e com excellentes artigos litterarios, quer apenas ser agradavel aos seus leitores.

O preço do nosso supplemento é o seguinte: — 8 paginas, com caricaturas — o semanario illustrado mais barato do paiz, custa apenas 200 réis, para os assignantes do *Universal*.

Por trimestre apenas 200 réis

Para os assignantes unicamente do supplemento custa

Por trimestre 240 réis

Avulso 20 réis

O supplemento do *Universal*, sendo um magnifico semanario, com o mesmo numero de paginas de qualquer dos nossos melhores jornaes de caricaturas, custa unicamente

20 réis

Originaes enviados á redacção do supplemento não são restituídos.

A correspondencia relativa ao supplemento deve ser enviada ao secretario.

Redacção e administração, rua do Norte, 46, 1.º andar.

Editor—Manoel Luiz da Cruz
Typ.—Travessa da Espera, 19
Lith. Comp. Nacional Editora

ANARCHISTAS



ANARCHISTAS CELEBRES

RAVACHOL

EM A
PARÇA

EM PORTUGAL



de pataco



CEISOHERMINIA

Eis o unico anarchista portuguez. Denuncial-o é prestar um serviço ás instituições. Amigo íntimo de Ravachol, correspondendo-se diariamente com o celebre dynamista. Gouveia Pinto conseguiu elevar-se a uma posição culminante na sociedade secreta dos *Tres*: Ravachol, Pini e Gouveia Pinto. E' uma trindade explosiva. Cada corpo é uma lomba; cada cabeça um morteiro; os braços são foguetes de pataco. Os tres juntos fazem uma peça de fogo melhor do que a do afamadissimo Devezas.